

# humanitas

Vol. XXIŽJ J ;;

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOLS. XXI E XXII



COIMBRA  
MCMLXIX-LXX



Procede, no capítulo seguinte, à contagem das palavras bizantinas; analisa o uso do optativo, das preposições, das partículas, do comparativo e superlativo e da partícula *ō* antes do vocativo. Outra parte do trabalho diz respeito à métrica e prosódia, com análise de alguns casos difíceis. A secção seguinte discute as diversas teorias quanto ao agrupamento destas composições, designadamente as de Hanssen, Crusius, Edmonds, Sitzler.

Finalmente, nas conclusões, apresenta o quadro da paroxitose, como guia mais seguro da cronologia dos poemas. Da conjugação deste com outros critérios (os já apontados acima e ainda o da distribuição estrófica), resulta a divisão da colecção em duas partes: uma composta entre o séc. I-II p. C. e Gregório Nazianzeno, e outra entre os sécs. V e VI.

O trabalho é feito com cuidado, informação geralmente boa (conquanto omite a classificação de Stark nas *Quaestionum Anacreonticarum Libri Duo*, Lipsiae, 1846, que, apesar de antiga, é importante), e objectividade. Naturalmente que os resultados obtidos são sempre aleatórios, pois é difícil dizer até que ponto a comparação com a prática linguística de outros autores, sobretudo os cristãos, pode fornecer-nos elementos seguros para apreciarmos a de metrificadores que conscientemente procuravam imitar o poeta de Teos.

M. H. R. P.

ALEJANDRO PASTRANA RIOL, **Pensamiento y función del Coro en el primer estásimo de la Antígona de Sófocles** (vv. 332-375). Salamanca, 1970. 79 pp.

Com este estudo sobre o 1.º estásimo da *Antígona* de Sófocles crê o seu A. ter contribuído «para o progresso da investigação científica», submetendo o texto famoso a «novas orientações e interpretações». Esta suposição, expressa com optimismo na *Apresentação*, é infelizmente desmentida ao longo dum trabalho em que, a par de observações correctas, figuram afirmações mal fundamentadas e opiniões insustentáveis em domínios especializados, como o da métrica, pouco propícios a aventurosas especulações.

Vejamos, em primeiro lugar, como é feita na *Introdução* a caracterização de Antígona. Segundo o A., «Antígona debate-se durante toda a tragédia entre duas grandes forças psicológicas: de uma parte, amor e compaixão (*ἔλεος*), de outra parte, o terror (*φόβος*).» (pp. 9-10). Terror poderá admitir-se a princípio em Ismena, que procura, por todas as formas, deter Antígona na sua marcha para o sacrifício. Medo informa, certamente, o comportamento do Coro, que não está à altura do heroísmo de Antígona. Mas a ideia de uma Antígona, dominada ao longo de toda a peça pelo terror, é algo que se choca contra toda a verosimilhança. É, no entanto, o próprio A. que corrige esta interpretação quando, logo a seguir, escreve de forma contraditória: «Antígona mostra-se sempre segura e decidida...» (p. 11).

Tampouco é feliz a afirmação do A. de que «amor e ódio se entrelaçam magistralmente na protagonista desta tragédia sofocliana» (p. 10). É a própria Antígona que diz: «Não nasci para odiar, mas para amar» (v. 523).

Ao estudar a atitude do Coro no 1.º estásimo em relação a Antígona, observa justamente o A. que o Coro não sabe ainda que Antígona é a autora da infracção ao édito de Creonte. E acrescenta: «Por esta razão, tem mais valor a censura do Coro que emite o seu juízo imparcialmente, sem ter em conta uma pessoa concreta que resulta ser a culpada... por isso não muda de atitude quando chega a conhecer a verdadeira delinquente.» (p. 17).

Que o Coro não modifique a sua atitude, depois de conhecer a identidade do infractor, é opinião com pouca base nos textos. Mais adiante (p. 18), afirma o A. que a posição do Coro, ao reconhecer a culpabilidade de Antígona, embora tente desculpar a sua acção como um produto de loucura e desespero e consequência da mancha hereditária, «está abertamente contra o pensamento de Sófocles». Logo a seguir, ainda na mesma página, escreve, porém, estas palavras que, sendo certas, estão em perfeita contradição com as afirmações anteriores: «O Coro continua mostrando-se sumamente prudente, sem querer inimizar-se com Creonte nem criar a si próprio dificuldades, pelo que mede muito bem as suas palavras para não se arriscar demasiado. Sabe que a razão está do lado de Antígona, mas não se atreve a reconhecê-lo públicamente...» (p. 18). Conclui-se daqui que afinal o Coro não está convencido da culpabilidade de Antígona e que, consequentemente, não há oposição entre o seu pensamento e o pensamento de Sófocles.

O capítulo «Pensamento e Comentário», em que o A. analisa o conteúdo ideológico das várias estrofes do estásimo, oferece igualmente sérios motivos de discordância. É, por exemplo, inaceitável uma interpretação do estásimo que parte do pressuposto de que nele se encontra um «catálogo de algumas das forças da natureza que mais amedrontam o homem (*δεινά*)» (p. 41). A exaltação do engenho e da grandeza do homem, capaz de superar a natureza, acha-a o A. associada no estásimo à ideia de que o homem está permanentemente ameaçado pelos seres que o rodeiam e lhe causam permanente temor. Assim, falando da estrofe 1.ª, afirma que os versos a partir de 334 «apresentam o homem frente ao mar embravecido, que tem de atravessar entre aflições e angústias mortais, sentindo-se impotente para dominar o seu barquinho, fortemente açoitado pelas ondas e pelos ventos...». Esta visão romântica tem pouco que ver com o texto de Sófocles, onde o que se lê é apenas a admiração do Coro pelo homem, capaz de atravessar o mar cinzento no meio das tempestades. De resto, onde está, no texto, a ideia de que a terra, rasgada pelas charruas, ou as aves e os peixes, apanhados com redes, inspiram medo ao homem?

Mas é o capítulo «Considerações sobre a estrutura métrica» que se mostra digno dos maiores reparos. A análise métrica é feita sem referência a um sistema determinado, segundo um método que se poderia classificar de «à aventura». Apenas dois exemplos da confusão que reina neste domínio. A págs. 27 define-se glicónico como um metro constituído por uma base eólica, seguida de dois dactilos! Logo a seguir, afirma-se que os glicónicos «também se podem medir por coriambos», precedidos de base eólica e seguidos de um iambo. Note-se, de passagem, que o A. esquece que, na métrica grega, um iambo é um métron composto de 4 elementos.

A análise dos vv. 337 e 347 é feita da seguinte forma: «são um monómetro iâmbico, precedido de base eólica de duas sílabas; preferimos ver neles dois créticos, o segundo acéfalo, precedido de base eólica.» Segundo a colometria do A. o v. 337 é como segue: *περὸν ὑπ' οἴδμασιν*. Estranha-se a menção duma base eólica num verso que não é de ritmo eólico e não se vê como é possível descobrir aqui dois créticos, o primeiro dos quais completo (!), separados por uma base eólica! Mesmo admitindo um lapso de redacção e que a base eólica se situe no início do verso, a hipótese do crético acéfalo, associada à base eólica numa série deste tipo, é algo perfeitamente arbitrário.

Um último reparo é dirigido à bibliografia, demasiado pobre e limitada. Na secção *Comentários* nota-se, por ex., a ausência da *Sophokles Antigone* de G. Müller (1967) e da *Sophokles Antigone* de J. Goth (1966); nas *Obras Gerais* não se encontram os trabalhos de Pohlenz, Lesky, Reinhardt; no capítulo da métrica, faltam as obras fundamentais de Maas e Snell.

Enfim, o trabalho de Alejandro Riol merece uma palavra de simpatia pelo entusiasmo, infelizmente nem sempre acompanhado de madura reflexão, com que é abordado um aspecto importante da interpretação da peça que Hebbel classificou de «a obra prima das obras primas».

M. OLIVEIRA PULQUÉRIO

*Polybe, Histoires (Livre II)*. Texte établi et traduit par **Paul Pédech**. Paris, «Les Belles Lettres», 1970. 35 + 176 pp.

Com o estabelecimento do texto e a tradução do Livro II das *Histórias* de Políbio prossegue P. Pédech na tarefa meritória de dar a conhecer ao público de língua francesa a obra do mais importante historiador grego da época helenística. A última tradução francesa de Políbio é a de Pierre Waltz, em 4 vols., publicada em 1921, que, além de praticamente inacessível, não pode dizer-se inteiramente digna de confiança. Por isso mesmo se saúda esta nova edição em curso, realizada com seguro critério histórico-filológico e enriquecida pela vária contribuição da bibliografia mais autorizada sobre a matéria, de cujos espécimes é justo salientar duas obras recentes extremamente valiosas: o *Polybios-Lexikon* de A. Mauersberger, em vias de publicação, e *A Historical Commentary on Polybius* de F. Walbank (Oxford, 1957-67, 2 vols.).

A iniciar o prefácio, realiza o A. a análise da estrutura e do carácter do Livro II das *Histórias*. Saliente-se a importância da observação sobre a extensa crítica ao historiador Filarco que assume a forma de uma digressão ao longo dos capítulos 56 a 63. A unidade do Livro II, quando comparada com a unidade do livro anterior, ressentem-se desta maior facilidade em quebrar o fio da narrativa histórica para a inserção de parênteses mais ou menos longos que perturbam algum tanto a coesão do conjunto. Mas, se estas digressões podem afectar desfavoravelmente o juízo sobre as características da construção histórica, elas são, por vezes, como é o caso